

## Mais casamentos não rima com mais nascimentos

*O aumento de casamentos, a ter implicações na natalidade, será essencialmente no nascimento de segundos filhos. E, em Portugal, a 'primeira natalidade' é claramente dominante.*

**Maria João Valente Rosa | Público | 22 de Julho de 2021**

No dia 16 de Julho de 2021, o Instituto Nacional de Estatística (INE) deu conta, [no seu destaque](#), de um aumento significativo dos casamentos no mês de Maio. Celebraram-se 2602 casamentos, um valor que equivale a mais do triplo do observado no mês homólogo do ano anterior. Este aumento está naturalmente ligado às medidas de desconfinamento em vigor. A realização de muitos dos casamentos que tinham sido adiados evita assim que se repita, em 2021, a acentuada queda de casamentos registada em 2020, ano em que o total de celebrações não chegou a 20 mil.

Quanto ao número de nascimentos, entre os meses de Janeiro a Maio de 2021 registaram-se menos quatro mil nados-vivos que nos meses homólogos do ano de 2020. A baixa natalidade em Portugal não é novidade de hoje ou do último ano. Mas a pandemia covid-19 acentuou significativamente este cenário e, por isso, qualquer sinal directo ou indirecto de uma possível recuperação do número de nascimentos motiva atenção. O aumento não negligenciável do número de casamentos poderia, neste contexto, servir como um desses sinais. Contudo, mesmo que nos próximos meses o número de casamentos continue a recuperar, esse acréscimo terá provavelmente pouco impacto na evolução do número de nascimentos para 2022.

Sabemos que o casamento já perdeu, em Portugal, o seu papel de condição prévia importante para o início do projecto de parentalidade. Na realidade, a maioria dos nascimentos em Portugal são, desde 2015, nascimentos fora do casamento, expressão que tem vindo a aumentar. Actualmente (2020), os nascimentos fora do casamento já equivalem a 57,9% do total de nascimentos, valor que coloca Portugal no topo dos países da UE com resultados mais altos; próximo dos países do Norte da Europa, como a Suécia, e longe dos países do Sul, como a Itália ou a Grécia.

A significativa expressão dos nascimentos fora do casamento é resultado, em Portugal, da forte importância dos nascimentos de 'primeira ordem' (primeiros filhos para as mães). Portugal destaca-se, aliás, no quadro da União Europeia pelas elevadas percentagens de nascidos que são primeiros filhos para as mães, situação que já equivale a mais de metade dos nascimentos ocorridos (54% em 2020).

É precisamente no caso dos primeiros filhos que a percentagem de nascimentos fora do casamento assume uma expressão cada vez mais elevada: 47,8% em 2010, 57,9% em 2015 e 64,6% em 2020. A sequência 'natural' de casar para ter filhos já não é, portanto, mais a regra dominante. A existir alguma relação, na perspectiva das mães, entre o casamento e o nascimento de um filho, não se aplica tanto ao primeiro mas

eventualmente ao segundo filho. Casar porque já se tem um filho, e não para começar a ter filhos, é um argumento real nos tempos modernos. Com efeito, embora a importância dos nascimentos de 'segunda ordem' (segundos filhos para as mães) fora do casamento também esteja a aumentar, ainda não são a maioria, diferentemente do que acontece com os primeiros filhos: equivalem a 48% do total de segundos filhos nascidos em 2020.

Quanto aos nascimentos que, para a mãe, já são terceiros, quartos ou mais, a prevalência dos nascimentos fora do casamento regressa. Nesta categoria (terceira ordem ou superior), a situação fora do casamento corresponde, de novo, à maioria dos nascimentos (55,2% em 2020), o que remete para duas hipóteses explicativas possíveis, ambas desfavoráveis ao valor do casamento como potenciador da natalidade, para as mulheres: a) consequência da dissolução do casamento anterior, associada a uma nova conjugalidade sem existir casamento 'de facto', b) fecundidade mais dilatada (em termos de número de filhos) nas relações conjugais sem casamento.

Em suma, o aumento de casamentos, a ter implicações na natalidade, será essencialmente no nascimento de segundos filhos. Mas, em Portugal, a 'primeira natalidade' é claramente dominante. Aliás, segundo os dados do [Inquérito à Fecundidade de 2019](#) (INE), da quase metade das mulheres e homens, em período fértil, que afirmaram pensar ter ainda filhos, a esmagadora maioria (80,2% das mulheres e 84,5% dos homens) ainda não tinha nenhum. Assim, o aumento do número de casamentos não é, necessariamente, uma boa notícia para a natalidade.

<https://www.publico.pt/2021/07/22/opiniao/opiniao/casamentos-nao-rima-nascimentos-1971136>